



**INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO
TOCANTINS
CAMPUS PALMAS
CURSO SUPERIOR LICENCIATURA EM LETRAS HABILITAÇÃO EM LÍNGUA
PORTUGUESA**

PAULO VICTOR ROSA DE MARINS GOMES

UM OLHAR SOBRE O AMOR E OS SOFRIMENTOS EM *WERTHER*, DE GOETHE

**PALMAS – TO
2023**

PAULO VICTOR ROSA DE MARINS GOMES

UM OLHAR SOBRE O AMOR E OS SOFRIMENTOS EM *WERTHER*, DE GOETHE

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Coordenação do Curso Superior de Licenciatura em Letras - Habilitação em Língua Portuguesa do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Tocantins *Campus* Palmas, como exigência à obtenção do título de Licenciado em Letras - Habilitação em Língua Portuguesa.

Orientadora: Profa. Ma. Elaine Cristina R. Aguiar

**PALMAS – TO
2023**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Bibliotecas do Instituto Federal do Tocantins

G633o Gomes, Paulo Victor Rosa de Marins
Um olhar sobre o amor e os sofrimentos em Werther, de Goethe /
Paulo Victor Rosa de Marins Gomes. – Palmas, TO, 2023.
37 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Letras -
Habilitação em Língua Portuguesa) – Instituto Federal de Educação,
Ciência e Tecnologia do Tocantins, Campus Palmas, Palmas, TO,
2023.

Orientadora: Ma. Elaine Cristina Rodrigues Aguiar

1. Amor. 2. Sofrimentos. 3. Goethe. I. Aguiar, Elaine Cristina
Rodrigues. II. Título.

CDD 400

A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio, deste documento é autorizada para fins
de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica do IFTO com os dados fornecidos
pelo(a) autor(a).

PAULO VICTOR ROSA DE MARINS GOMES

UM OLHAR SOBRE O AMOR E OS SOFRIMENTOS EM *WERTHER*, DE GOETHE

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à coordenação do Curso de Licenciatura em Letras - Habilitação em Língua Portuguesa do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Tocantins, Campus Palmas, como exigência à obtenção do grau de Licenciado em Letras.

Aprovado em: 04/12/2023

BANCA EXAMINADORA

Profª. Ma. Elaine Cristina Rodrigues Aguiar (Orientadora)
IFTO - *Campus* Palmas

Prof. Dr. Odi Alexander Rocha da Silva (Membro da Banca)
UNITINS - *Campus* Palmas

Prof. Me. Wilken Figueredo Matos (Membro da Banca)
IFTO - *Campus* Palmas

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, gostaria de agradecer a Deus pelos conhecimentos, o direcionamento do tema e forças para suportar as diversidades da vida e as muitas noites mal dormidas. Sem dúvida, eu creio, vivo e afirmo que “posso todas as coisas naquele que me fortalece.”

Agradeço aos meus pais, Paulo Rogério de Azevedo Gomes e Mônica Rosa de Marins Gomes, por me apoiarem nas madrugadas de estudos e me incentivarem a nunca desistir. Mãe, obrigado por me inspirar ao ingresso no curso de Letras!

Agradeço ao meu irmão, Paulo Gabriel Rosa de Marins Gomes, que me ajudou nos debates sobre o tema escolhido.

Ainda, gostaria de agradecer à minha orientadora, Professora Mestra Elaine Aguiar, pela paciência, pelo incentivo e pelo tempo que separou para as orientações (nunca esquecerei das reuniões aos sábados pela manhã e da reunião à noite no IFTO).

Sou grato aos meus amigos e à minha namorada, Társila Holanda, que me incentivaram e me ajudaram em discussões sobre o suicídio e diversas abordagens literárias.

Aos professores Odi Alexander Rocha da Silva e Wilken Figueredo Matos que prontamente aceitaram o convite de participarem da banca examinadora, bem como ao professor David Siqueira Fontes Neto, que gentilmente contribuiu para o desenvolvimento desta pesquisa.

Por fim, sou grato aos professores do IFTO que se dedicaram às instruções em suas aulas, por me incentivarem e ampliarem minha paixão pela Literatura, pelo aprendizado de línguas e outros conhecimentos da nossa área. E, futuramente, se Deus quiser, estarei não somente chamando-os de professores, mas também colegas de trabalho!

“Não é por respirar que estamos vivos, mas é
por não amar que estamos mortos”.

(José Nunes Martins)

RESUMO

A presente pesquisa tem como objetivo analisar a obra *Os sofrimentos do jovem Werther*, do escritor alemão Johann Wolfgang von Goethe, sobretudo averiguar alguns aspectos sobre o amor e os sofrimentos de seu protagonista. É importante destacar que o objeto de estudo se trata de um romance epistolar, pois narra a história de Werther que relata a um amigo através de cartas a angústia de estar apaixonado por uma moça comprometida. Ademais, diante da impossibilidade de viver esse amor, o jovem de personalidade sensível comete suicídio com uma arma. Diante disso, a pesquisa pretende trazer um olhar sobre a relação psicossocial do protagonista sob a influência do amor platônico e seus diversos sofrimentos desenvolvidos. Haja vista que, esse tipo de amor não só levou a degradação emocional de Werther, mas também ao suicídio. Por fim, vale enfatizar que a pesquisa apresentará uma breve análise sobre a biografia de Goethe, bem como o período histórico em que sua obra está inserida, desde o Iluminismo, passando pelo movimento *Sturm und Drang* até o romantismo alemão, através das abordagens de teóricos e pensadores, tais como: Arthur Schopenhauer (2000), Leandro Konder (2007), Walter Riso (2011), Otto Carpeaux (2013), Cláudia Souza (2017), entre outros.

Palavras-chave: Amor. Sofrimentos. Suicídio. Goethe. Romantismo Alemão.

ABSTRACT

The present research aims to analyze the work *The Sorrows of Young Werther* by the German writer Johann Wolfgang von Goethe, especially examining certain aspects of the love and sufferings of its protagonist. It is important to note that the object of study is an epistolary novel, as it narrates Werther's story who expresses, through letters to a friend, the anguish of being in love with a committed woman. Furthermore, faced with the impossibility of living this love, the sensitive young man commits suicide with a weapon. In light of this, the research intends to shed light on the psychosocial relationship of the protagonist under the influence of platonic love and the various sufferings developed. Considering that this type of love not only led to Werther's emotional degradation but also to suicide. Finally, it is worth emphasizing that the research will provide a brief analysis of Goethe's biography, as well as the historical period in which his work is situated, from the Enlightenment, through the Sturm und Drang movement to German Romanticism, through the perspectives of theorists and thinkers such as Arthur Schopenhauer (2000), Leandro Konder (2007), Walter Riso (2011), Otto Carpeaux (2013), Cláudia Souza (2017), among others.

Keywords: Love. Sufferings. Suicide. Goethe. German Romanticism.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	9
2	<i>STURM UND DRANG</i>: um breve histórico	12
2.1	O <i>Sturm und Drang</i> e o movimento romântico alemão	14
2.2	Goethe e sua literatura	16
3	OS SOFRIMENTOS DO JOVEM <i>WERTHER</i>	19
3.1	Além do romance epistolar de Goethe	20
3.2	O amor e os sofrimentos de Werther.....	22
4	CONSIDERAÇÕES FINAIS	33
5	REFERÊNCIAS	35

1 INTRODUÇÃO

A partir do século XVIII, a literatura europeia passa por uma transformação significativa, destacando-se nesse cenário Johann Wolfgang von Goethe, um escritor alemão cujas obras, impregnadas do desejo de confrontar as ideologias burguesas, tornaram-se influentes na sociedade.

O foco do presente estudo recairá sobre uma obra de Goethe, *Os Sofrimentos do Jovem Werther* (1774), com especial atenção à figura central que dá nome à narrativa. A pesquisa busca de uma maneira mais simples, entender como o amor e os sofrimentos na história estão conectados ao triste fim do protagonista, que decide cometer suicídio.

A obra em análise é de origem alemã e, de acordo com Fortarel e Fermino (2008, p. 70), é considerada como um ponto de partida para a criação do Romantismo Alemão, um movimento literário que buscou se distanciar do apego ao racional que existia naquela época, o iluminismo. Ademais, a partir do surgimento desse movimento, ocorreram muitas mudanças tanto na estética das obras, como no pensamento da sociedade alemã do século XVIII.

O livro *Os Sofrimentos do Jovem Werther* é um romance epistolar em que Werther compartilha, através de cartas com seu amigo Wilhem, a sua história de amor impossível pela bela jovem chamada Carlota¹, uma adorável mulher de uma cidade da Alemanha, chamada Wahlheim. Infelizmente, o protagonista do enredo, jovem sensível e artístico, não conseguiu suportar tamanho sofrimento de viver sabendo que o seu amor não poderia ser correspondido, pois sua amada estava comprometida com Alberto. A partir disso, para dar um fim às agonias interiores, ele não encontra outra saída senão o suicídio.

O amor exacerbado que Werther sentia por Carlota, causou nele uma grande dependência emocional, levando ao sofrimento que ocasionou ao seu autocídio com uma arma de fogo. Dessa forma, é necessário remeter ao pensamento clássico. Portanto, o presente estudo buscará analisar entre os tipos de amor, *Éros*, *Philia* e *Ágape*, e identificar qual deles está mais associado ao suicídio de Werther.

Segundo Leandro Konder (2007, p. 38), o amor pode levar o amante tanto à felicidade excessiva ou à profunda infelicidade. Isso se deve por causa das diferentes

¹ Em outras traduções, o nome da amada de Werther apresenta-se também como Charlotte.

formas e visões de relacionamentos que um indivíduo tem em relação aos outros indivíduos. Por exemplo, há aqueles de prazeres moderados, mais calmos que buscam equilibrar o relacionamento entre a razão e o coração. Há aqueles que são mais difíceis de terem uma relação afetiva, devido a sua personalidade fechada ao social. Há também aqueles que possuem o emocional mais intenso e espontâneo, os famosos românticos ou iludidos. Esses vivem em um amor platônica, capazes de se entregarem por completo ao amante.

Diante disso, a pesquisa apresenta as abordagens de teóricos e pesquisadores, tais como: Leandro Konder (2007), autor do livro *Sobre o amor*; o psicólogo Walter Riso (2011), que escreveu a obra *Para não morrer de amor*, Arthur Schopenhauer (2000), Otto Carpeaux (1963), entre outros.

Além disso, o estudo também pretende abordar o tema suicídio ao analisar a relação psicossocial e os sofrimentos do personagem *Werther* sob a influência do amor platônico. Haja vista que, esse tipo de amor não só levou à degradação emocional do personagem como ao seu trágico autocídio com uma arma. Para isso, o método de análise utilizado foi de conhecimento indutivo para sustentar a tese de que o amor exacerbado pode influenciar uma pessoa tanto psicologicamente, como também socialmente.

Ademais, os procedimentos realizados foram de caráter bibliográfico, pois foi necessária a leitura não só do próprio livro de Goethe, como também leituras de artigos e outros textos acadêmicos. Vale ressaltar também, que esta foi uma pesquisa documental, uma vez que o livro *Os sofrimentos do jovem Werther* é um conjunto de cartas que o personagem principal envia para seu amigo Wilhelm.

Por fim, para englobar tudo o que foi dito nessa seção, dividiu-se o trabalho está dividido em introdução, o desenvolvimento de dois capítulos e as considerações finais. No desenvolvimento, os capítulos são intitulados como: “*Sturm und Drang*: um breve histórico” e “Os Sofrimentos do jovem *Werther*”.

O primeiro capítulo desenvolvido é subdividido em duas partes: “O movimento romântico alemão e o *Sturm und Drang*” e “Goethe e sua genialidade literária”. Na primeira parte, a finalidade é de apresentar o período histórico, que transpassaram no tempo em que a obra foi publicada, mostrando suas características sociais e culturais daquele século, assim como o movimento alemão conhecido como *Sturm und Drang*, que causou uma revolução cultural e literária na época. Na segunda subdivisão será apresentada a biografia de Johann Wolfgang von Goethe, o autor alemão da obra em

análise. Além disso, citar-se-ão outras obras e pinturas feitas por ele, a fim de analisar suas características com o período histórico.

Já, a segunda parte do desenvolvimento está voltada para a análise da obra e está subdividida em duas partes: “Além do romance epistolar de Goethe” e “O amor e os sofrimentos de Werther”. A primeira subdivisão irá analisar a obra, mais especificamente as características estruturais da narrativa, como o narrador, personagens, o uso das cartas, e outros aspectos literários composicionais. Já a segunda subdivisão, analisará a obra sob uma perspectiva de compreender os passos percorridos pelo protagonista até o seu suicídio.

Para tanto, será apontado que o amor “eros”, entre os outros tipos de amor, se encaixa mais no relacionamento entre Werther e Carlota, ainda, como esse sentimento está construído. Também de que forma o amor influenciou Werther em suas ações sociopsicológicas, que levaram ao declínio emocional. E, por fim, investigar o significado do suicídio orquestrado por Werther e qual a sua relevância na literatura.

2 STURM UND DRANG: UM BREVE HISTÓRICO

Por volta de 1770 até 1785, ocorreu um movimento na Alemanha chamado de *Sturm und Drang*, que traduzido significa, “Tempestade e Ímpeto”, em outras palavras, “Tempestade e Impulso ou Agitação e Urgência” (CARPEAUX, 1963, p. 48). O nome desse movimento veio da peça do dramaturgo pré-romântico Friedrich Maximilian Klinger (1752–1831).

O *Sturm und Drang*, enquanto movimento artístico, buscou contrapor as ideias implantadas pelos iluministas e a sociedade burguesa da época. De acordo com Karolina Marinho (2017, p. 321):

A emoção, a beleza, o contato com a natureza, o lúgubre, o melancólico, o sentimentalismo de uma maneira geral, impuseram-se na criação literária para dar liberdade aos intelectuais do século XVIII de se expressarem sem os limites de uma estética regrada.

Esses elementos usados para o fazer literário do pré-romantismo alemão, foram influências das obras de escritores europeus como o poeta inglês William Shakespeare, na dramaturgia de *Hamlet* (1599-1601), o escritor inglês Samuel Richardson, através dos romances epistolares *Pamela: Ou a Virtude Recompensada* (1740) e *Clarissa: Ou a história de uma jovem* (1747), e as traduções de poemas ossiânicos, que o escocês James Macpherson traduziu e publicou por volta de 1760 a 1772, período contemporâneo da Revolução Francesa e do Iluminismo Europeu.

Durante o século XVII, ocorreu na Europa a Revolução Francesa, dotada do dilema de Igualdade, Liberdade e Fraternidade. Segundo Lima e Miranda (2016, p. 133), a Revolução Francesa “com seus ideais e suas formas de entendimento iluminista, tentaram igualar o mundo e todos os homens em torno de uma explanação puramente metafísica.”. Dessa forma, ela foi influente para o pensamento dos filósofos desse século e nos anos posteriores.

Nesta mesma época (século XVII) surgiu na França e posteriormente na Europa toda, uma linha de pensamento que visava um ideal filosófico mais voltado para a razão, no qual um grupo de filósofos apresentaram suas ideias, sendo tal período conhecido como Iluminismo.

De acordo com Souza (2018, p. 2), o Iluminismo foi um movimento de revolução intelectual. Pensadores como John Locke (1632-1704), Voltaire (1694-1778), Jean

Jacques Rousseau (1712-1778) influenciaram a Europa durante os séculos XVII e XVIII. O ideal humano, a busca de uma definição de sociedade e a exaltação ao racionalismo foram algumas das questões mais discutidas durante esse período.

O período iluminista, considerado também como “Século das Luzes”, trouxe uma mudança na sociedade europeia daquela época. O racionalismo (o culto à razão) foi se fortalecendo cada vez mais, seguindo contra a religião e a fé humana. Para os iluministas, somente a razão e a ciência levariam os homens à verdade absoluta. Com o crescimento da ciência, o poder da monarquia e da Igreja foi se desfazendo aos poucos. Em seguida, outro grupo social de caráter político e econômico ocupou um lugar de destaque, a burguesia.

A ascensão burguesa trouxe a primeira Revolução Industrial na Europa. Segundo Lima e Miranda (2016, p. 134), a exaltação da razão e o crescimento da ciência ocasionou um progresso nas cidades através do surgimento de diversas fábricas. Com o crescimento industrial e a necessidade de mão de obra, as pessoas que moravam na zona rural se sentiram obrigadas a saírem do campo e irem para a zona urbana, a fim de trabalharem nas indústrias e receberem salários pelas produções.

Os iluministas também influenciaram a cultura da sociedade, principalmente nas artes, que traziam suas concepções objetivas e uma saudação ao clássico. De acordo com Fortarel e Fermino (2008, p. 61), os iluministas menosprezavam os pensamentos das artes barrocas. Já na área literária, Daniela Mercedes Kahn destaca que:

O Iluminismo, primeiro movimento artístico voltado para a burguesia, deu origem a novas formas de expressão artística que fizessem jus aos anseios, às necessidades e aos conflitos da nova classe emergente. A literatura tornou-se um meio de difundir os seus valores morais, em oposição aos da nobreza, anteriormente veiculados pela literatura palaciana. (KAHN, 2014, p. 138)

A autora também ressalta que o Iluminismo, de abrangência europeia, vigorou durante todo o século XVIII. Nesse período, na Alemanha, surgiram dois escritores de origem burguesa, os quais foram responsáveis pela dissipação da literatura alemã: Johann Wolfgang von Goethe e Friedrich Christoph von Schiller. Vale destacar que esses dois escritores foram os precursores do movimento literário *Sturm und Drang*, bem como do período romântico alemão.

2.1 O *Sturm und Drang* e o movimento romântico alemão

O movimento alemão *Sturm und Drang* se difundiu no seu país dando destaque aos os escritores Johann Wolfgang von Goethe e Johann Christoph Friedrich von Schiller, esses foram dois dos mais importantes escritores pré-românticos desse movimento, pois suas obras impactaram em sua época de forma opulenta. É importante enfatizar que Goethe se consagrou no movimento após a publicação da obra *Os sofrimentos do jovem Werther*.

Alguns anos depois, difundiu-se na Alemanha, portanto, uma linha de pensamento estético e filosófico acarretando no que viria a ser o primeiro Romantismo Alemão, ou Romantismo de Jena. Entre os escritores e pensadores do movimento romancista alemão, destacam-se Novalis, Friedrich Wilhelm Joseph von Schelling, Caroline Schelling, Dorothea Friederike Schlegel e os irmãos Friedrich Schlegel e August Schlegel.

Esse grupo de pensadores criou uma revista chamada *Athenaeum*, com o objetivo de mostrar para o mundo uma nova concepção da arte e uma nova corrente filosófica de pensamento. Essa linha estética e filosófica era baseada na fragmentação do ser humano. Segundo Souza (2017, p. 4), a fragmentação foi uma “[...] filosofia herdeira do pensamento kantiano, ciente dos limites da razão, e da filosofia de Fichte, centrada em um Eu, não poderia ser elaborada através de um grande sistema filosófico”. Concomitantemente, tal filosofia, voltada e centralizada no ser, visava às diversidades do ser humano, regidas tanto pela razão quanto pela emoção.

Entre os anos 1724 até 1804, viveu Immanuel Kant, um filósofo alemão do período iluminista que buscou determinar os limites da razão humana. De acordo com Márcio Girotti (2009, p. 8), a razão, para a teoria kantiana “[...] poderia, portanto, engendrar conceitos através de inferências, mas não pode por meio delas provar que o conceito existe de fato, ou seja, a razão só dá conta da essência das coisas e não da existência das mesmas.” Dessa forma, a razão não conseguiria trazer a absoluta verdade do mundo e muito menos contemplar todas as respostas colocadas nele.

Outro filósofo alemão que influenciou, em partes, os romancistas de Jena, foi Johann Gottlieb Fichte (1762–1814). Sua filosofia baseia-se no Eu, como ser subordinado a influências externas. De acordo com o pensamento de Fichte, o autor José Manuel Heleno (2020, p. 90) ressalta que, “[...] o humano só o é tomando em

consideração as suas determinações, o que equivale a dizer que o eu puro só tem sentido porque há algo fora dele”. Ou seja, o ser humano é regido por um Eu que é influenciado pelos conhecimentos empíricos. Concomitantemente, esse Eu será direcionado por um impulso, uma força intrínseca moldadora das suas ações.

Tanto a filosofia de Kant quanto a de Fichte tiveram importantes contribuições para a criação do pensamento fragmentado. Porém, esse pensamento regido pelos romancistas alemães não está em concordância com tais filosofias. De acordo com Souza (2017, p. 3):

A partir da filosofia kantiana, os limites da razão ganham contornos, não é possível se alcançar tudo através da razão, pois ela não é útil nem para responder a simples questões metafísicas. Por outro lado, Fichte enfatiza a importância do Eu enquanto princípio originário da filosofia, um Eu que não pode ser totalmente conhecido e nem compreendido, pois a razão não é capaz de fornecer todas as respostas sobre as múltiplas questões humanas.

Muitas questões existenciais foram levantadas, porém nem todas foram respondidas, pois a razão não foi suficiente para respondê-las. Consonante a isso, a autora afirma que:

A resposta virá com a filosofia e a estética do primeiro romantismo alemão. Para preencher as lacunas deixadas pelas luzes da razão, é preciso recorrer ao sonho ao mito, à crise, à imaginação, ao fragmento, não mais à resposta completa, supostamente orgânica - a resposta à crise da razão foi escrita de forma fragmentada, valorizando justamente o fragmento e as outras dimensões do ser humano para além da razão. (SOUZA, 2017, p. 5)

Os inovadores romancistas do século XVIII, ou os românticos de Jena, como eram conhecidos, pensavam de forma livre e de uma maneira fragmentada. Livre, pois eles buscavam desvencilhar das normas rígidas, compactadas e clássicas que foram desenvolvidas pelos iluministas. Eles acreditavam que a razão absoluta não estava totalmente subordinada às concepções humanas, pois ela poderia se encontrar em um sentido mais amplo, como se fosse exterior ao homem.

Já o termo fragmentado é devido às concepções do fazer a existência das possibilidades, das variedades da verdade e das mutações (extremas ou não) das emoções. Como citou o filósofo alemão Schopenhauer (apud DEUS, 2021, p. 167), a vida é como um pêndulo, que está em constante oscilação. São com essas concepções que o movimento *Sturm und Drang* se aprimorará nas mais subjetivas questões existentes.

Na Europa, durante o período do romantismo alemão, surgem dois dos mais influentes e importantes pensadores que buscaram, em seus discursos, responder questões como a vontade do ser, o impulso humano e a irregularidade da vida. É com as concepções do filósofo Arthur Schopenhauer (1788-1860), de origem alemã, e Søren Kierkegaard (1813-1855), um dinamarquês, que se pode compreender amplamente o que defendiam os romancistas alemães da primeira geração e o que eles buscavam compreender durante o movimento artístico.

Essas concepções se enquadram nos personagens das obras inseridas durante o século XVIII. Assim, vale lembrar que a obra goethiana, *Os sofrimentos do jovem Werther*, marca o início do movimento romântico alemão. No livro em análise, por exemplo, é possível perceber que o protagonista não possui uma frequência exata das suas ações e pensamentos, pois ele vive de acordo com suas emoções, e elas são sempre inconstantes. Ora ele está em estado de alegria exacerbada, ora ele está em plena angústia. Além do final trágico e impactante, a grande inovação de Goethe através de seu trabalho foi expressar o desejo pelo impossível, um dos conceitos fundamentais para entender os princípios do romantismo.

2.2 Goethe e sua literatura

Johann Wolfgang von Goethe, nasceu no dia 28 de agosto de 1749, na cidade de Frankfurt. O seu nascimento apresentou complicações, tanto que a parteira o considerou como morto. Porém graças aos profissionais que estavam lá, o recém-nascido foi reanimado.

Filho do conselheiro imperial Johann Kaspar Goethe (1710-1782) e de Katharina Elisabeth Goethe (1731-1808), entretanto, Goethe não era o único herdeiro do casal. Cornelia Friederike Christina era sua irmã dentre outros irmãos, esses, mais tarde, morrem ainda na infância.

O pequeno Goethe era neto de Johann Wolfgang Textor, um prefeito da cidade, que, após o ocorrido com o nascimento de seu neto, convoca outras parteiras para melhorar sua cidade. Na casa dos seus avôs, Goethe, ainda na sua fase pueril, brincava de fantoches com sua avó, e com eles fazia pequenos teatros. De acordo com Goethe, na noite de natal, sua vó:

[...] coroaria todas as suas boas ações ao organizar para as crianças um teatro de bonecos, criando naquela velha casa um mundo completamente novo para nós. O espetáculo, tão inesperado, atrairia poderosamente aqueles ânimos pueris e teria forte impacto sobre o garoto em quem os ecos daquela experiência ainda repercutiram intensamente por muitos anos. (GOETHE, 2017, p. 30)

Sua educação, depois de estudar pouco tempo numa escola pública, foi realizada em casa, com professores particulares. A partir de então, ele começa a estudar várias línguas tanto antigas quanto contemporâneas, dentre elas pode-se citar: latim, grego, francês e hebraico.

Seus estudos repercutiram além das línguas, ele começou a estudar Direito e piano. Desenvolveu também uma paixão pelas artes. Essa descoberta foi tão grande, que ele deseja se aprimorar e seguir uma carreira de artista. Consequentemente, ele vai para a Universidade, onde cursa História, Filologia, Poética, Filosofia, entre outros cursos.

O jovem alemão se apaixonou pela literatura após conhecer os livros de William Shakespeare, Píndaro, Ossian e Homero. Durante sua vida, Goethe se dedicou a literatura, escreveu poemas para suas amadas que conhecera em viagens.

O jovem Goethe, obrigado pelo pai, estudou o curso de Direito na Universidade de Leipzig, durante 1766. De acordo com suas palavras, seu pai “[...] vivera sua vida e carreira mais ou menos de acordo com seus próprios desígnios. Quanto a mim, caberia seguir seu caminho e ir além [...]” (GOETHE, 2017, p. 49). Depois de alguns anos, com problemas de saúde, ele se afasta dos estudos de Direito e volta para sua cidade natal. Somente em 1770, Goethe encerra seus estudos na cidade de Estrasburgo, onde vai trabalhar como advogado. Em seguida ele é convidado para inserir sua autobiografia no nono capítulo do livro *Poesia e Verdade*, que só será publicado em 1831.

Durante sua vida, o poeta se converterá ao Panteísmo, graças às leituras que feitas do filósofo Espinosa. Devido a isso, sua cosmovisão estava voltada em acreditar que Deus estava representado na natureza. Ou seja, a beleza da vida, a moral humana, a perfeição da existência, a exatidão das coisas, tudo era regido pelas leis do universo.

Durante o mês de maio, no ano de 1772, Goethe viaja para Wetzlar, onde encontrará Charlotte Buff. Nessa cidade, ele se inscreve na Corte de Justiça Imperial. De acordo com o prefácio da edição do livro em análise, feito por Joseph-François

Angelloz, a Corte de Justiça Imperial estava com dificuldades para dar baixa nos processos. Para sanar esse déficit, o imperador José II, no ano de 1767, convoca novos funcionários a Wetzlar, como: Kestner; von Goué, que será sucedido por Jerusalem Friedrich Wilhelm Gotter e Heinrich Chistian Boie.

Em 1774, ele escreve e publica, *Os sofrimentos do jovem Werther* (*Die Leiden des jungen Werthers*), uma das suas famosas obras que futuramente irá influenciar autores romancistas. A obra também se torna famosa devido ao Efeito Werther. “Werther effect”, assim como foi chamado pelo sociólogo David Phillip, foi uma grande onda de relatos de suicídio juvenis durante o período da obra goethiana.

Goethe escreve outras obras que foram importantes e influentes para a sociedade durante o período pré-romântico da Alemanha. Entretanto, *Os sofrimentos do Jovem Werther* fora a obra mais importante para o *Sturm und Drang*, cujo movimento anti-iluminista o poeta será inserido.

Goethe não dedicou somente na área da literatura, ele buscou outros conhecimentos, uma delas foi a teoria das cores ao qual buscou refutar as ideias criadas por Isaac Newton. Além disso, se aperfeiçoou nos estudos de botânica.

Em 1788, se apaixonou por Johanna Chistiane Sophia Vulpius (1765 - 1816). No ano seguinte, teve um filho chamado Julius August Walther von Goethe. Em 1807, Goethe se casa com Johanna. No dia 26 de março de 1832, Johann Wolfgang von Goethe faleceu com 73 anos de idade.

3 OS SOFRIMENTOS DO JOVEM WERTHER

O romance *Os sofrimentos do jovem Werther*, de acordo com Sousa & Freitas (2022), a obra foi publicada anonimamente em 1774, na Feira do Livro que ocorria na Alemanha, mais especificamente em Leipzig. A obra é constituída, em sua maioria, por cartas escritas pelo Werther, o personagem principal da obra, cujo o destinatário é o seu amigo Wilhelm. Nelas, o protagonista conta como foi sua estadia em Wahlheim e como ele conheceu Carlota, uma bela jovem que cuida de seus irmãos mais novos, e que à primeira vista, se tornaria o amor de sua vida.

Com o passar do tempo, o amor de Werther por Carlota continua a crescer, pois cada passeio na cidade, cada visita, alimenta ainda mais seus sentimentos pela jovem. Todavia, ela não podia corresponder a esse amor, pois ela já estava comprometida com um rapaz rico e promissor chamado Alberto.

Werther se torna amigo não só de Carlota, mas também de Alberto. Cansado do sofrimento no qual vivia ao ver sua amada recém-casada, Werther tomou a decisão de encerrar essa angústia. Então, após escrever a última carta, o protagonista cometeu suicídio com uma pistola, que outrora foi emprestada por Alberto, no lado superior do olho direito. Infelizmente sua morte não foi imediata, após o tiro, ele ainda ficou agonizando de dor durante alguns minutos até sua morte.

Um vizinho viu o clarão da pólvora e ouviu o tiro, mas, como tudo voltasse a ficar em silêncio, não deu maior atenção ao fato. Às seis da manhã seguinte, o criado entra no quarto com a lamparina. Encontra o amo estendido no chão, a pistola e o sangue. Chama-o, sacode-o, e não recebe nenhuma resposta. Werther *agoniza*. Ele corre em busca do médico, procura Alberto. Carlota ouve soar a campainha, um tremor apodera-se de todos os seus membros. Ela acorda o marido, ambos saltam da cama, o criado, soluçando e gaguejando, dá-lhes a notícia, Carlota desmaia aos pés de Alberto. (GOETHE, 2007, p. 174, grifo nosso)

Quando Alberto, Carlota e o médico chegaram, Werther ainda agonizava. Colocaram então uma faixa em sua cabeça na parte estourada. E sem ter o que fazer, esperaram sua morte. Sobre o momento da morte do protagonista, Pereira enfatiza que:

O momento de seu suicídio é um dos episódios mais comoventes do livro e, considerado por muitos, da história da literatura ocidental. O tom realístico e perturbador do romance provocou uma verdadeira comoção entre os jovens da época, que atraídos pelo espírito passional e depressivo de seu respectivo

protagonista, resolveram seguir o mesmo rumo pondo fim em suas próprias vidas (PEREIRA, 2015, p. 34).

Vale destacar que, essa comoção dos jovens da época ficou conhecida como “Efeito Werther”. Ademais, essa obra goethiana tornou-se uma das mais famosas da literatura mundial, tornando-se referência para os estudos de diversos temas, sobretudo, o suicídio.

3.1 Além do romance epistolar de Goethe

O romance *Os sofrimentos do jovem Werther* traz algumas curiosidades que, às vezes, podem passar despercebidas no momento da leitura, mas para a análise literária, serão de grande suporte para a compreensão sobre a personagem principal e o mundo que ela está inserida.

A obra carrega os aspectos do Romantismo alemão e suas concepções são visíveis através do enredo e dos personagens envolvidos: Werther, Alberto, Carlota e Wilhelm. Cada personagem pode representar algumas características e pensamentos daquela época. Por exemplo, Werther representa os romancistas alemães, pois em suas concepções há a valorização do emocional, além de acreditar que existe um destino escrito, previamente, pelo Divino.

No caso da personagem Carlota, é possível vê-la como a mulher do século XVIII, comprometida com Alberto e que, por questões sociais da época, não corresponde ao amor de Werther. “É o social que fala no discurso de Charlotte, pois a mesma sucumbe ao encanto da paixão, mas por causa de sua situação social em que se encontra, rejeita-a e se afasta de Werther, que se retira e não entende, caminhando para o seu fim” (PEREIRA, 2015, p. 43).

Por sua vez, Alberto, é o oposto de Werther, a representação do ideal iluminista e racionalista, pois como é visto na obra, ele possui um desprezo ao que é subjetivo e possui posições de caráter mais conservadoras. Já Wilhelm representa os leitores. Mesmo que as cartas que Werther escreve sejam para seu amigo, é possível trazer a relação entre a leitura de Wilhelm com a leitura daqueles que estão fora do livro, os leitores, ou seja, como se os leitores também fossem os destinatários.

A carta é um gênero textual que tem a capacidade de abrir portas para o mundo artístico literário, deixando que o autor tenha a possibilidade de usar sua criatividade e criar uma bela história. Segundo Pires (2016, p. 166): “O romance epistolar tende a

identificar o presente do narrador com o passado da história narrada, ou seja, é como se estivesse história estivesse sendo escrita ao mesmo tempo em que é vivenciada”. Como ela traz a escrita em primeira pessoa, independente do destinatário, a carta consegue ultrapassar as barreiras dos aspectos literários e fazer com que o leitor se sinta como um dos personagens da história.

Werther, pode ser considerado como um missivista, ou seja, alguém que narra a história com empolgação e emoção, sem dar prioridade ao tempo. De acordo com Pires (2016, p. 166), essa distância curta entre o narrador e os acontecimentos traz, também, a possibilidade de empatia na relação entre leitor e narrador. Dessa forma, o leitor sente aos poucos sua inserção no livro.

Outra vantagem das epístolas é a diversidade estrutural que se pode apresentar do conteúdo. Nas palavras de Joseph-François Angelloz (2007, XXVII), “a carta se presta tanto ao relato quanto o romance, e tanto à explosão lírica quanto à poesia. Aliás, certas cartas são verdadeiros poemas em prosa”. As cartas permitem que os relatos e anseios sejam escritos de forma livre, pois o texto pode apresentar tanto uma narrativa curta ou longa, simples ou rebuscada.

Outra curiosidade é a comparação entre Werther e seu autor. Ambos possuem algumas características semelhantes, por exemplo: o gosto pela pintura, pois Goethe pintava autorretratos e Werther pintava a natureza. Tanto o autor como o personagem estavam inseridos no ambiente jurídico. Também tiveram uma paixão por alguém que estava comprometida, aliás, a Carlota da obra é a Charlote Buffen, uma jovem que Goethe conheceu e se encantou. Além disso, ambos exaltavam a natureza. Essas concepções reforçam a possibilidade de que Werther poderia ser um “alter ego” de Goethe. De acordo com Angelloz:

Sabe-se que, depois de escrever *Werther*, Goethe sentiu-se livre como “depois de uma confissão geral” e pôde-se dizer que o que o salvou foi a bala que matou seu herói. Não devia safar-se tão facilmente assim e, no curso da sua longa existência, encontrou mais de uma vez sua vítima (ANGELLOZ, 2007, p. XXVIII).

Entretanto, a construção da personagem principal, não está somente relacionada com o seu autor, mas também ao suicídio de um amigo de Goethe, Jerusalem. Filho de um teólogo protestante, Karl Wilhelm Jerusalem trabalhou na Corte de Justiça Imperial, e mais tarde se apaixonou pela esposa de seu amigo.

Inconformado com as situações no trabalho e por desenvolver uma paixão platônica, ele decide cometer suicídio com uma arma.

Nas palavras de Angelloz (GOETHE, 2007, p. XXI), no prefácio do livro em análise, “Goethe pôde extrair de sua experiência pessoal os elementos essenciais da primeira parte de sua obra, mas emprestaria a segunda de Jerusalem, que lhe forneceu inclusive o indispensável desenlace trágico”.

Além disso, outros personagens da obra também são inspirados em pessoas que Goethe conheceu. Sua amada Charlotte Buff, será aquela que aflorará a paixão de Werther, a Carlota. Outro ainda, será o noivo de Charlotte, o rapaz que trabalha na Corte de Justiça Imperial, o Johann Christian Kestner. Ele, no livro, será o Alberto, amigo e rival de Werther.

Com medo de que acontecesse alguma coisa, o escritor desejou colocar nomes fictícios nas personagens, pois tanto o enredo do livro quanto a história da vida real se parecem. Assim, Goethe desenvolveu uma escrita autoficcional e criou uma das mais belas obras da literatura. De acordo com Anna Faedrich Martins (2014, p. 24, grifo da autora):

Na autoficção, o autor **não** escreve sobre a sua vida seguindo, necessariamente, uma linha cronológica. Em contraponto com a autobiografia tradicional, a autoficção também não tenta dar conta de toda a história de vida de uma personalidade. A escrita autoficcional parte do fragmento, não exige início-meio-fim nem linearidade do discurso; o autor tem a liberdade para escrever, criar e recriar sobre um episódio ou uma experiência de sua vida, fazendo, assim, um pequeno recorte no tempo vivido.

Essa afirmação traz a ideia de que a obra mesmo se parecendo com a vida do autor, nunca se deve colocar como verdade, pois alguns fatos podem ser mudados, ou omitidos. Sendo assim, como é um texto autoficcional, não se pode afirmar que Werther é Goethe, ainda que apareça traços reais na obra.

Entretanto, é notório a influência da vida de Goethe na obra, visto que, como já foi dito, ambos trabalham no sistema judiciário, admiram a natureza, comemoram seus aniversários no mesmo dia, tem um apreço pela pintura, amaram alguém já comprometida e sofreram por isso.

3.2 O amor e os sofrimentos de Werther

A obra goethiana traz consigo alguns desdobramentos sobre o amor e os sofrimentos. De uma maneira única, esse tema está retratado e discutido durante o permeio da obra, além de se relacionar com o autocídio de Werther. Ao ler o livro *Os sofrimentos do jovem Werther*, pode-se perceber que desde o início, já nas primeiras cartas, como a do dia 17 de maio, o assunto sobre o suicídio é apresentado por Werther ao citar o drástico fim de sua amiga Leonora e seu sentimento pela perda:

Ah, como lamento a morte da minha amiga de minha juventude! Ah, por que tive que conhecê-la? Eu poderia dizer: “És um tolo, buscas o que não se pode encontrar neste mundo.” Mas eu a encontrei, senti seu coração, a grande alma, em cuja presença eu parecia crescer para além de mim mesmo, porque eu era tudo o que podia ser. (GOETHE, 2007, p.14)

De acordo com Konder (2007, p. 9), o apaixonado, aquele que se entrega às emoções da paixão, se sente como se estivesse sendo carregado em direção a algo incontrolável e avassalador. Como é demonstrado na fala da personagem principal, suas intenções com Leonora não foram as mesmas intenções dela. Enquanto que ele, mesmo sabendo do amor dela, Werther via Leonora como uma amiga somente, talvez uma grande amiga, mas nada além disso:

Ah, pobre Leonora! No entanto, eu não sou culpado! Cabe-me alguma culpa, se em seu pobre coração cresceu uma paixão, enquanto eu encontrava uma distração agradável nas encantadoras extravagâncias da irmã? Contudo, estarei mesmo totalmente isento de culpa? Não terei alimentado os seus sentimentos? Não senti prazer perante as expressões sinceras de sua natureza, que tantas vezes nos fizeram rir, embora não fossem motivo para riso? (GOETHE, 2007, p.14)

Já Leonora via o rapaz não somente com os olhos amigos, mas com a alma de alguém que ama, que encontrava em seu coração razões ainda mais fortes para o fazer pulsar. Esse é o mal de todo ser apaixonado, fechar os olhos para a realidade e abri-los para os próprios desejos subjetivos, que às vezes, não passam de meras ilusões da mente.

De certa forma, o suicídio de Leonora é visto como um esboço do suicídio de Werther. Ambos apresentam o amor desenfreado pelo amado, um desejo não correspondido, um tráfego da vida através do sofrimento e a solução nada racional de auto eliminação de sua existência.

Werther não foi o causador do suicídio de Leonora, mas a causa, um objeto desejado e inalcançável por ela. Entretanto, o verdadeiro artífice dessa tragédia não

passou a ser nada mais nada menos que o próprio amor desenfreado de Leonora. Assim também vale pra Werther com seu suicídio orquestrado.

Segundo Konder (2007, p. 33), a paixão não segue nenhuma ética, moral ou lógica, e causa nos seus sujeitos um sentimento incontrolável. Dessa forma, como foi citado, os suicídios das duas personagens tiveram uma força motora (o amor) que levou ambos ao sofrimento crescente.

O que leva a entender que o amor é um sentimento capaz de encantar as pessoas, levá-las a uma falsa felicidade, depois subjugar-las aos momentos de sofrimento e por fim, estando a pessoa sufocada pelas dores, mostrar que o suicídio é a única saída para acabar com as agonias.

Entretanto, o problema não está em amar alguém, mas sim como esse amor é trabalhado, visto e sentido nos relacionamentos entre as personagens de qualquer obra que trabalhe com o amor. Como se pode observar, a obra *Romeu e Julieta*, do dramaturgo britânico William Shakespeare (1597), mostra um amor que, apesar da distância e da rixa entre as famílias, conecta duas almas de forma intensa e verdadeira. Ainda assim, ambos passaram pelo suicídio, porém não é visto como um peso para os dois, pois acreditavam que estariam juntos na eternidade.

Também, a obra *Amor de perdição*, do romancista português Camilo Castelo Branco (1862), apresenta um amor verdadeiro entre os protagonistas que, assim como o romance de Shakespeare, eles comentem suicídio por não suportarem a distância que se fazia entre eles. Porém nesse romance há a presença de Mariana, um jovem que também se mata, mas seu amor por Simão Botelho é platônico, portanto, individual.

Há também o romance urbanista *Cinco Minutos*, uma obra escrita pelo romancista brasileiro José de Alencar (1856), durante o século posterior do livro de Goethe. Ela mostra um amor capaz de ligar duas pessoas, porém a obra não se encerra em suicídio, nem se quer ele aparece.

Já a obra goetheana traz um relacionamento utópico, fora da possibilidade de ser concretizado. Mesmo Werther mostrando sua afeição e se entregando, sua amada Carlota não poderia corresponder publicamente seu amor, pois eles vivem em uma época patriarcal, onde a moça era preparada e reservada para um pretendente, no caso do romance, o Alberto, seu noivo.

O amor, nessas obras se apresenta, portanto, de forma diferente, e consequentemente, irá trazer um final diferente. A obra de José de Alencar, mostra

um amor verdadeiro, que sem nenhuma causa social, se encerra em suicídio. Já as obras de William Shakespeare e Camilo Castelo Branco, as duas personagens se envolvem emocionalmente, demonstrando um amor recíproco, porém, por causa das rixas entre as famílias, o único jeito que eles conseguem ficar juntos (de acordo com a visão deles), é se suicidarem.

Entretanto, A personagem Mariana do romance camiliano sente as dores e consequências de um amor platônico, mas mesmo assim, em sua visão, o suicídio lhe fará estar perto de seu amado. Diferentemente do suicídio de Werther, que, mesmo sendo um amor platônico e não podendo ser concretizado, ele se mata por não suportar tamanha dor de sentir, em seu coração, a impossibilidade de viver ao lado de sua amada.

Na obra goethiana, o amor é apresentado de diferentes formas, como o *Eros*, o *Philia* e o *Ágape*. Para uma melhor compreensão, é necessário voltar na Antiguidade Clássica, no período conhecido na Filosofia como: Período Socrático.

Não é de se estranhar, que na Grécia Antiga, os filósofos debateram vários temas, e entre eles estava o “amor”. No livro, *O banquete*, escrito por Platão, é apresentado em seus diálogos uma concepção de “amor”, que será chamado de Eros.

Observa bem, continuou Sócrates, se em vez de uma probabilidade não é uma necessidade que seja assim, o que deseja, deseja aquilo de que é carente, sem o que não deseja, se não for carente. É espantoso como me parece, Agatão, ser uma necessidade; e a ti? (PLATÃO, 1991, p. 38)

O filósofo grego Platão, através do personagem Sócrates, definiu o Eros como desejo. Portanto, para o filósofo, amar alguém/algo é desejar tê-lo. Pois só é desejado o que não se tem. E o desejo ao que não se tem é arrebatador, nos causa vontades e anseios. Para Walter Riso (2011, p. 163), o Eros é como se a pessoa amada fosse uma “sobremesa preferida: quando você come, sua vontade passa, mas no dia seguinte, a apetência renasce com o mesmo ímpeto [...]”. Ademais, além do Eros, pode-se citar outras duas concepções de amores: o *Philia* e o *Ágape*.

O amor *Philia* foi desenvolvido pelo filósofo grego Aristóteles, discípulo de Platão. Para o discípulo, o amor é como uma amizade, ao qual pode ser por interesse ou por sinceridade. Em suas palavras, Elton Quadros (2011, p. 168), ao descrever o amor aristotélico, cita que “a amizade se dá por conta do caráter agradável que o amigo causa.” Portanto, o amor aristotélico é materializado na obra através da

amizade entre Werther e Wilhelm. Esse, mesmo distante, mostra a lealdade, a preocupação e a sinceridade de um amigo, além de se tornar confidente das cartas de Werther.

Agradeço a tua amizade, Wilhelm, por teres interpretado as minhas palavras dessa maneira. Sim, tens razão: seria melhor que eu me fosse. Tua sugestão de voltar para junto de vocês não me agrada muito; ao menos ainda gostaria, antes, de fazer uma pequena viagem [...]. (GOETHE, 2007, p. 142)

Ainda, o amor Ágape, segundo Quadros (2011, p. 169), “se revela em algumas formas: caridade e misericórdia.”. O maior representante desse amor foi Cristo, pois Jesus se entregou por amor à humanidade. Portanto, o Ágape também é se entregar, compartilhar com o outro o que tem.

Sendo assim, o amor Ágape se materializa na obra através do tempo que o protagonista está com Carlota, pois ele dedica a ela o que tem: sua companhia. Na carta de 26 de julho, Werther insinua que não consegue deixar de vê-la, mesmo tentando reduzir a frequência das visitas, ele acaba se entregando ao desejo de estar ao lado dela.

Todos os dias sucumbo à tentação e prometo a mim mesmo: amanhã, não irás procurá-la. Quando chega o dia seguinte, sempre encontro algum motivo impreterível e, quando me dou conta, já estou indo ao seu encontro. (GOETHE, 2007, p. 54)

Assim como Carlota, mesmo não demonstrando muito, como o protagonista faz, ela também sente a alegria da companhia de Werther ao perguntar se ele estará no dia seguinte, como é mostrado na mesma carta citada acima:

As razões são várias: à vezes, por exemplo, ela me diz à noite: “O senhor virá amanhã, não é?” – Quem poderia resistir a isso? – Ou então ela me dá alguma incumbência, e eu jugo conveniente levar-lhe pessoalmente a resposta. (GOETHE, 2007, p. 54)

Como já foi falado e demonstrado, Werther ama Carlota. Porém, entre os três amores citados, o que mais está visível, o que ele sente constantemente é o amor eros. Pois ele, falando no sentido mais puro da palavra, não possui Carlota, ou seja, ela não pertence a ele e nem ele pertence a ela.

O amor *eros* começou a se materializar na obra desde o dia em que Werther encontra Carlota pela primeira vez. Na carta do dia 16 de junho, que o protagonista escreve a seu amigo Wilhelm, ele descreve como conheceu o amor de sua vida.

Atravessei o pátio em direção à bela casa e, após subir as escadas e chegar à porta, deparei com uma das cenas mais encantadoras que já vi em minha vida. Na antessala, seis crianças, de dois a onze anos, pulavam ao redor da figura esbelta de uma jovem de estrutura média, que trajava um vestido branco simples, adornado de fitas cor-de-rosas nas mangas e no corpete. (GOETHE, 2007, p. 26)

Talvez possa parecer uma cena simples, um encontro corriqueiro, mesmo que inesperado. Entretanto, para alguém de alma espirituosa, que busca olhar as coisas boas da vida, e que acredita no destino preestabelecido pelo divino, o encontro com Carlota tornou-se um momento mágico, um instante surpreendente de sua vida. Desde o primeiro momento que Werther se encontra com Carlota, sua paixão tem se aflorado com tão pouco tempo.

O protagonista, assim como outros personagens, possui uma representação ideológica do que foi a realidade de Goethe. Por exemplo, como já foi citado acima, Carlota representa a mulher do século XVIII, com características meigas, reservada para um pretendente, e, apesar de gostar do Werther em silêncio, ela deseja ser fiel ao marido.

Werther, portanto, carregará marcas de um ideal romântico, como sua profunda sensibilidade com o mundo exterior. Como na carta 10 de maio, “Uma serenidade maravilhosa inundou toda a minha alma, semelhantemente às doces manhãs primaveris com as quais me delicio de todo coração” (GOETHE, 2007, p. 9). Suas dores estão ligadas com o ambiente ao seu redor. Se o clima está frio e noturno, Werther está angustiado; se o clima está primaveril, então Werther está calmo e sereno.

Além disso, outra característica do Romantismo, que estará marcada fortemente na personagem é a exaltação da mulher amada.

Ela me é sagrada. Todo desejo silencia em sua presença. Há uma melodia que ela toca no piano com um anjo, com tanta simplicidade e tanta poesia! É sua canção predileta, e quando ela faz soar a primeira nota sinto-me curado de todos os meus sofrimentos, das confusões e de todas as minhas cismas. (GOETHE, 2007, p. 50-51)

De acordo com Konder (2007, p. 16-17), o filósofo Platão, ao afirmar que a beleza de uma pessoa está ligada ao sagrado, surgirá, portanto, no coração do sujeito que ama, o amor verdadeiro que não se cega em cobiçar o corpo, mas enxerga a pura beleza que ele transmite. Dessa forma, as descrições e admirações que Werther tem por Carlota, são os sinceros reflexos espelhados de seu coração.

Outra definição para o amor puro entre duas pessoas, como é demonstrado nas obras citadas de William Shakspeare e de Camilo Castelo Branco, chama-se amor *idílio*. Esse termo é de origem grega *eidúllion*, e sua semântica no campo lexical de Amor, significa um amor delicado ou suave.

Diferente do romance de Romeu e Julieta, o relacionamento de Werther com Carlota não pode ser um amor idílio, pois mesmo sendo correspondido, o amor entre os dois não pode ser concretizado, devido as circunstâncias sociais da época.

A partir disso, Werther irá sentir os sentimentos que intitula a obra, os sofrimentos. Vendo que sua amada não pode corresponder publicamente seu amor, ele começará a sentir o *Phatos* da alma humana.

Segundo Lima & Miranda (2016, p. 148), o *phatos* é o sentimento do ser humano de estar ligado à condição, de que, se não há amor na vida, a vida não vale apenas ser vivida. Essa concepção levará o sujeito à grande dependência emocional, o qual aos poucos a pessoa dependente vai se desgastando por dentro. Com o passar do tempo e com o crescimento desse sofrimento, Werther começa a entrar em estado de depressão existencial.

Querido Wilhelm, encontro-me no estado em que devem ter ficado aqueles infelizes dos quais se dizia estarem possuídos de um espírito maligno. [...] é um tumulto interior, incompreensível, que ameaça rasgar-me o peito, que me sufoca! (GOETHE, 2007, p. 139)

Os sofrimentos que Werther irá sentir se intensificam cada vez mais quando Alberto, o noivo de Carlota, retorna de sua viagem. Na carta que Werther mandou para o seu amigo, escrita no dia 30 de julho. Ela diz:

Alberto chegou, e eu vou partir. Mesmo que ele fosse o melhor e o mais nobre dos homens, diante do qual eu estarei disposto a reconhecer a minha inferioridade sob todos os pontos de vista, mesmo assim não suportaria vê-lo à minha frente como possuidor de tantas virtudes [...]. (GOETHE, 2007, p. 54)

Antes do noivo chegar, Werther se sentia mais livre em estar com sua amada, tanto quando ia visitar sua casa, quanto nas viagens que ela fazia ao visitar alguém na cidade. Logo após a chegada de Alberto, o protagonista vê que seu amor está ainda mais incapaz de se realizar. O que antes era somente uma abstração, uma referência semântica, pois só se ouvia falar sobre Alberto ou a pronuncia de seu nome, agora, com sua chegada, a abstração toma forma e passa ser presente na realidade.

Mesmo Alberto sendo o noivo de Carlota, Werther se tornar amigo dele, tem muito respeito por ele, entretanto, o protagonista ainda o vê como um rival. Continuando na carta de 30 de julho, o personagem descreve as qualidades de seu rival e escreve o quanto seria sofrido se o visse chegando.

Em suma, Wilhelm, o noivo está aqui! É um homem honrado, amável, a quem não se pode estimar. Felizmente não assisti à sua chegada. Isso teria despedaçado o meu coração. Ele também teve a delicadeza de não beijar Carlota nenhuma vez se quer na minha presença. [...] Ele é cortês comigo, mas suponho que isso se deva mais a ela do que os seus próprios sentimentos [...]. (GOETHE, 2007, p. 55)

Infelizmente, não se sabe ao certo se Alberto sente ciúmes ou algum desprezo pelo protagonista. Já Werther, através de suas palavras, demonstrou o quanto seu ciúme por Carlota é notório. Mais a diante, em outro parágrafo da carta, ele chamará esse sentimento de “demônio”, como algo maligno e pecaminoso, que o corromperia se estivesse no lugar de Alberto.

Como foi mostrado, Werther e Alberto são divergentes, quase que opostos, tanto em fatores externos (dinheiro, social), quanto os fatores internos (as emoções e o pensamento). Na carta de 12 de agosto, Werther narra o diálogo que mostra essa diferença entre os dois.

Contextualizando, a carta começa com Werther pedindo para Alberto uma das suas pistolas para uma viagem a cavalo. O noivo as entrega descarregadas e insinua que anda com elas dessa forma por causa de um triste acidente na casa de seu amigo.

Enquanto Alberto continuava com suas justificações das pistolas descarregadas, o protagonista toma uma delas e as aponta em direção ao olho direito. Ao ver o que Werther faz, seu amigo e rival abaixa a pistola de onde ela mirava. O protagonista fala que era somente uma brincadeira, porém, em tom de admoestação, o noivo de Carlota diz: “Mesmo assim, para que isso?”, retrucou impaciente. “Não

posso imaginar como uma pessoa pode ser tão tola, a ponto de querer matar-se com uma arma; a simples ideia causa-me repulsa” (GOETHE, 2007, p. 60, grifo do autor).

A partir disso, surge um longo diálogo até chegar sobre o suicídio. Primeiramente, eles começam a falar sobre questões de moralidade. Werther usa exemplos como: um ladrão que rouba por necessidade, um marido que mata a esposa e o seu amante, um jovem que se entrega as paixões irresistíveis. Alberto ao ouvir os exemplos retruca, “Os casos que mencionas são algo completamente diferentes”, replicou Alberto, “porque um homem que se deixa arrebatar por suas paixões perde a capacidade de refletir e é considerado um ébrio ou um louco.” (GOETHE, 2007, p. 61, grifo do autor). Para Alberto, os seres apaixonados são aqueles que são alienados ao mundo, são aqueles seres incapazes de viverem na realidade.

Werther não concordou com as palavras do amigo, pois, para o protagonista, os grandes homens, os “extraordinários” são aqueles que foram considerados loucos pela sociedade, incompreendidos pela lei. Continuando na carta, Alberto não só afirma que a ação de se entregar por amor é loucura, como também acredita que o suicídio é sinônimo de fraqueza.

Outra vez, o protagonista anda em caminhos contrários aos de Alberto. Concomitantemente, para se justificar e sustentar seu posicionamento, ele compara os suicidas como um povo que se revolta com um líder depois de viverem sob governo tirano, ou um homem que ao ver o fogo impetuoso queimando sua casa, se sente apavorado, porém reúne suas forças e busca apagar o fogo. Ou ainda:

Alguém que, enfurecido por uma ofensa, luta contra seis adversários e os vence: chamarias a estes de fracos? Além disso, meu caro amigo, se a mobilização de todas as forças é sinal de vigor, por que a exaltação em excesso seria o contrário?
(GOETHE, 2007, p. 63)

É possível, portanto, compreender em outra analogia, que Werther compara os suicidas como se fossem guerreiros que juntam todas as suas forças para lutarem contra os sofrimentos implantados em suas vidas, porém como resultado dessa batalha, o único caminho para vencê-la seria de se entregar a morte, como um ato louvável de coragem.

De acordo com Silva e Costa (2018, p. 73), o protagonista defende a ideia de que o suicídio ocorre de maneira racional, ou seja, há lógica no ato do suicídio. Para compreender isso, é necessário voltar os olhos não para o resultado de tal ato, mas

para os acontecimentos anteriores a ele, o processo. A razão para tal ato, está vinculada e justificada a carga excessiva das dores, seja ela físicas ou psicológicas.

“A natureza humana”, prossegui, “tem seus limites: pode suportar, até certo ponto, alegrias, tristezas e dores, se ultrapassar esses limites, sucumbirá. Não se trata, portanto, de discutir se o homem é fraco ou forte, e sim de saber se ele pode suportar a medida dos seus sofrimentos, sejam eles morais ou físicos” (GOETHE, 2007, p. 63, grifo do autor)

A citação acima é uma frase dita por Werther, que está no diálogo da carta do dia 12 de agosto. Ele mostra onde se deve olhar para compreender as razões do suicídio. Além disso, deve-se buscar entender quais as possíveis causas que levaram alguém a cometer tal atitude. A causa do autocídio de Werther, como está sendo mostrado, foi uma série de situações que ocorreram em sua vida, e como foi dito, a principal delas foi o amor idealizado, porém não correspondido completamente.

De acordo com Konder (2007, p. 72), “A paixão amorosa correspondida cria a sensação de plena felicidade, uma sensação de onipotência narcísica restaurada”. Contrariamente, a paixão amorosa não correspondida traz a sensação de inferioridade e impotência. Como cita Flávio de Deus (2021, p. 165), essa impossibilidade de um amor concreto “é o martírio do jovem Werther por estar tão próximo e ao mesmo tempo tão distante daquilo que deseja.”. Esse paradoxo lhe causará uma angústia exacerbada.

Na obra, pode-se encontrar pelo menos dois tipos de sofrimentos sentidos pelo protagonista. O primeiro é o sofrimento psicoemocional, o responsável pelos sentimentos e angustias. Como é citado na carta do dia 30 de agosto

[...] e todos os meus sentidos pouco a pouco se tornam tensos, de repente uma sombra turva meus olhos, mal consigo ouvir, sinto-me sufocado, como se estivesse sendo estrangulado por um assassino, meu coração bate estouvadamente, procurando acalmar os meus sentidos adormecidos, mas conseguindo apenas aumentar a perturbação. (GOETHE, 2007, 73)

Ao ver sua amada correspondendo o amor de outra pessoa lhe fará com que seu único desejo seja a morte. É devido a isso que Werther, tomado por tamanha tristeza, decide se entregar à morte. O que levará ao outro sofrimento, o físico, que está presente durante seu momento de autocídio, causando agonias e dores.

[...] o infeliz jazia no chão, e não havia esperanças de salvá-lo. Seu pulso ainda batia, mas todos os seus membros estavam paralisados. Ele havia

disparado o tiro na cabeça, acima do olho direito, os miolos estavam estourados. Como se não bastasse, deram-lhe uma sangria no braço, o sangue corria e ele continuava a respirar. (GOETHE, 2007, p. 174)

De acordo com Schopenhauer (2000, p. XIV), “a morte não é o oposto da vida, mas um acontecimento complementar que a define. O homem como vida, é um ser para a morte.” Portanto, é possível compreender que a morte é uma causa natural da vida, mas que, em *Werther*, o protagonista antecipa esse processo.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os escritores alemães pré-romancistas perceberem que as concepções iluministas não eram capazes de responder as questões que a vida trazia, viram que era necessário encontrar, nas emoções, as respostas das dúvidas que surgiram. Sendo assim, o movimento do *Sturm und Drang* veio para combater essas concepções iluministas, e trazer uma abordagem artística diferente, a fim de sanar tais dúvidas.

Dessa forma, as obras do movimento impetuoso apresentavam questões que, posteriormente, envolveriam o movimento do Romantismo Alemão. Dentre essas questões, pode-se citar: o amor exacerbado, a adoração à mulher e algumas questões sobre o suicídio.

A obra *Os sofrimentos do jovem Werther*, do escritor alemão Johann Wolfgang von Goethe, não traz somente uma história de um rapaz que escreve cartas ao seu amigo contando da sua estadia em uma pequena cidade da Alemanha e sobre como conheceu o amor da sua vida. Mas também, apresenta questões para compreender a alma e a mente humana. Dessa forma, a obra pôde demonstrar sua importância na sociedade, tanto naquele século como também nos dias de hoje. Goethe, ao escrever sobre Werther, deixou um legado que influencia os leitores até os dias de hoje.

É caminhando no percurso de que um amor não correspondido trará muita dor e sofrimento ao sujeito que está na condição de apaixonado, que se pode compreender que suas angústias trarão o desejo de cometer suicídio, enxergando esse ato como uma válvula de escape do seu sofrimento acumulado.

Ainda que, durante a época que esse livro se repercutiu, e que muitos jovens se mataram, talvez por uma enorme influência do livro ou somente uma leve coincidência do período. Porém, não há dúvidas de que o livro, esse ou qualquer outro, tem a capacidade de influenciar as pessoas, de construir, reconstruir e solidificar o pensamento dos leitores.

Consonante a isso, mesmo que *Os sofrimentos do jovem Werther* seja um romance epistolar, e não uma fábula (onde normalmente tiramos uma lição sobre a vida), o livro não está isento de discussões e concepções para serem levados para o mundo fora das páginas. A principal lição que se pode tirar do livro é: o suicídio nunca será a melhor escolha para se livrar dos sofrimentos. Como cita Claudemir Pereira (2015, p. 43) o suicídio “é uma fuga, não uma solução”.

A maioria dos casos, como foi demonstrado por Werther e Leonora, são causados pelos excessos das emoções. Visto isso, caso a pessoa esteja em estado depressivo ou em um turbilhão de emoções, é necessário que o mesmo busque ajuda de alguém próximo ou de um especialista. E ainda, mesmo que a causa esteja relacionada com relações afetivas, a pessoa deve compreender que amar alguém não é somente criar laços, mas também saber desatar os nós afetivos.

REFERÊNCIAS

ANGELLOZ, Joseph-François. “Um certo Goethe”. In: GOETHE, Johann Wolfgang von, 1749-1832. **Os sofrimentos do jovem Werther** / J. W. Goethe; prefácio Joseph-François Angelloz; tradução Marion Fleisher. — 3 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

CARPEAUX, Otto Maria, 1900-1978. **A história concisa da literatura alemã** / Otto Maria Carpeaux; posfácio de Willi Bolle. — 1a ed. — São Paulo: Faro Editorial, 2013. Disponível em: < <https://faroeditorial.com.br/produto/a-historia-concisa-da-literatura-alema/>>. Acesso em: 14 dez. 2023.

DEUS, Flávio Rocha de. **A Filosofia de Schopenhauer na narrativa do jovem Werther de Goethe**. Voluntas Revista Internacional de Filosofia, Santa Maria, v. 11, n. 3, p. 164-177, 2021. Disponível em: < https://www.researchgate.net/publication/348617252_A_Filosofia_de_Schopenhauer_na_narrativa_do_jovem_Werther_de_Goethe > Acesso em: 14 nov. 2023.

FORTAREL, Maria Célia; FERMINO, Ricardo Lisías Aidar. “Romantismo: contexto e características”. In: FORTAREL, Maria Célia; FERMINO, Ricardo Lisías Aidar (Orgs). **Enciclopédia do estudante: Literatura em língua portuguesa**. — São Paulo: Moderna, 2008.

GIROTTI, Marcio Tadeu. **Os limites do conhecimento humano na filosofia kantiana: Beweisgrund e os Sonhos de um visionário**. Revista Filogênese, Marília, v. 2, n.2, p. 6-15, 2009. Disponível em: < [https://www.marilia.unesp.br/Home/RevistasEletronicas/FILOGENESE/MarcioTadeuGirotti\(6-15\).pdf](https://www.marilia.unesp.br/Home/RevistasEletronicas/FILOGENESE/MarcioTadeuGirotti(6-15).pdf) >. Acesso em: 14 dez. 2023

GOETHE, Johann Wolfgang von, 1749-1832. **Os sofrimentos do jovem Werther** / J. W. Goethe; prefácio Joseph-François Angelloz; tradução Marion Fleisher. — 3 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

_____. **De minha vida: Poesia e verdade**. Johann Wolfgang von Goethe; tradução Maurício Mendonça Cardozo. — 1. ed. — São Paulo: Editora Unesp Digital, 2017. Disponível em: <<https://ler.amazon.com.br/kp/embed?linkCode=kpd&asin=B0792KF74G&tag=lp-ler-20&reshareId=YCZKND996JSG3T01Q6MT&reshareChannel=system>>. Acesso em: 10 nov. 2023.

HELENO, José Manuel. **Fichte e o destino do homem**. Cadernos de Filosofia Alemã: Crítica e Modernidade | v. 25; n. 2 (Dossiê Fichte) | pp.85-104, set. 2020. Disponível em: < <https://www.revistas.usp.br/filosofiaalema/article/view/163972/163406> > Acesso em: 14 dez 2023.

KAHN, Daniel Mercedes. “A época de Goethe”. In: GOETHE, Johann Wolfgang von, 1749-1832. **Os sofrimentos do jovem Werther** / Johann Wolfgang von Goethe; tradução Claudia Cavalcanti. — São Paulo: Martin Claret, 2014.

KONDER, Leandro. **Sobre o amor**. São Paulo: Boitempo, 2007

LIMA, Edilson Vilaço de; MIRANDA, Wandelson da Silva. **A visão romântica e *Phatos* da existência em Goethe**. Revista Letras e Ideias, João Pessoa, v. 1, n. 1, p. 132-152, 2016. Disponível em: < <https://periodicos.ufpb.br/index.php/letraseideias/article/view/26431/15318> >. Acesso em: 14 dez. 2023.

MARINHO, Karolina de Souza. **Um estudo sobre o narrador poético de Goethe, em *Os sofrimentos do Jovem Werther*, e as origens do romance moderno na Alemanha**. Mosaico, São José do Rio Preto, v. 16, n. 1, p. 316-345, 2017. Disponível em: < file:///C:/Users/User/Downloads/428-1389-1-PB%20(1).pdf >. Acesso em: 14 dez 2023.

MARTINS, Anna Faedrich. **Autoficções: do conceito teórico à prática na literatura brasileira contemporânea**. Porto Alegre: Faculdade de Letras PUCRS, 2014. Disponível em: < <https://repositorio.pucrs.br/dspace/bitstream/10923/5746/1/000456796-Texto%2bCompleto-0.pdf> > Acesso em: 14 dez. 2023.

PEREIRA, Claudemir Carlos. **A análise da construção do suicídio através da narrativa de um amor impossível na obra *Os sofrimentos do jovem Werther*, de Goethe**. Revistas Sem Aspas, Araraquara, v.4, n.1, p. 33-47, 2015. Disponível em: < file:///C:/Users/User/Downloads/Dialnet-AAAnaliseDaConstrucaoDoSuicidioAtravesDaNarrativaDe-6263079%20(2).pdf >. Acesso em: 14 dez 2023.

PHILLIPS, David P. **The influence of Suggestion on suicide: substantive and theoretical implications of the Werther Effect**. American Sociological Review, n. 39, p. 340-354, 1974. Disponível em: < <https://www.semanticscholar.org/paper/The-influence-of-suggestion-on-suicide%3A-substantive-Phillips/80657628c9cb50fbd4d3393316046a093a3008ce> >. Acesso em: 14 dez. 2023.

PLATÃO, 427 a.C.-347 a.C. **Platão**: Diálogos (O Banquete, Fédon, Sofista e Político). Tradução José Cavalcante de Souza, Jorge Paleikat e João Cruz Costa. Coleção Os Pensadores. São Paulo: Nova Cultural, 1991. Disponível em: < https://moodle.ufsc.br/pluginfile.php/1034656/mod_resource/content/1/Plat%C3%A3o%20-%20cole%C3%A7%C3%A3o%20os%20pensadores%20%281973%29.pdf > Acesso em: 14 dez. 2023.

PIRES, Pedro Giovanetti Cesar. **Werther e Wilhelm Mister: o conflito entre indivíduo e sociedade em os dois romances de Goethe**. Cadernos de campo: Revista de ciências sociais, Araraquara: UNESP, jul./dez. 2016. Disponível em: < <https://periodicos.fclar.unesp.br/cadernos/article/view/8701/6115> >. Acesso em: 23 nov. 2023.

QUADROS, Elton Moreira. **Eros, Fília e Ágape: o amor do mundo grego à concepção**. Acta Scientiarum. Human and Social Sciences, Maringá, v. 33, n. 2, p.

165-171, 2011. Acesso em: 24 nov. 2023. Disponível em: <
<https://www.redalyc.org/pdf/3073/307325341005.pdf>> Acesso em: 14 dez 2023.

RISO, Walter. **Manual para não morrer de amor**. São Paulo: Editora Academia de Inteligência, 2011.

SCHOPENHAUER, Arthur. 1788-1860. **Metafísica do amor, metafísica da morte** / Arthur Schopenhauer: Tradução Jair Barbosa. – São Paulo: Martins Fontes, 2000. Disponível em: <
file:///C:/Users/User/Downloads/Metafisica_do_Amor_Metafisica_da_Morte.pdf>. Acesso em: 14 dez. 2023.

SILVA, Felipe Vale da; COSTA, Sabine Ferreira da. **O heroísmo impossível dos suicidas**: um estudo da motivação de Werther. *Revista Leitura*, Maceió, v.1, n. 60, p. 69–86, 2018. Disponível em: < <file:///C:/Users/User/Downloads/5215-Texto%20do%20Artigo-18879-1-10-20180709.pdf>>. Acesso em: 14 dez. 2023.

SOUZA, Cláudia Franco. **A filosofia do primeiro romantismo alemão**: a questão do fragmento. *Revisão Simbiótica*, vol. 4, n. 2, p. 1-10, jul./dez., 2017. Disponível em: < <https://www.redalyc.org/pdf/5759/575967288001.pdf>>. Acesso em: 14 dez. 2023.